

INVESTIGAÇÃO-AÇÃO COMO METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR: relato de uma práxis

Autor:

Ivan Livindo de Senna Corrêa
Universidade do Oeste de Santa Catarina
(UNOESC) Campus Videira/SC.

Co-autores:

Marcelo da Silva Rocha
UERGS- Unidade-Alegrete/RS.
Ana Leticia S. Mattos
UERGS- Unidade-Alegrete/RS.
Quelen Nones Garcez
UERGS- Unidade-Alegrete/RS.

1 INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho pretende-se discutir a investigação-ação como uma possibilidade metodológica no ensino superior no âmbito da prática educativa interdisciplinar.

A realidade histórica dos currículos por disciplinas tem levado o corpo docente a oporem-se ao diálogo como prática educativa comum e esclarecedora da sua própria vivência docente. Tem sido comum, no cotidiano do ensino superior, os docentes se enclausurarem em seus laboratórios e em seus problemas de pesquisa, ou em suas disciplinas com conteúdos de ensino pouco ou nada historicizados. Tais fatores nos parecem concretos e, por isso decisivos, quanto à falta de reflexão pedagógica no ensino superior. Assim com seus princípios, sua concepção social e seu conhecimento individual e coletivo, cada professor do ensino superior participa, decisivamente, da formação profissional.

A falta de diálogo e reflexão tem influenciado o processo de formação docente. A fragmentação do ato político de ensinar representada nos currículos por disciplina, encontraria na interdisciplinaridade as estratégias necessárias a aproximação das diferenças inter-pessoais e das diversidade de conhecimentos

presentes na formação profissional. A falta de tempo e compreensão pedagógica, comum aos educadores resistentes ao diálogo, revelam-se problemas consistente às mudanças e mesmo às adaptações periféricas.

Como nos ensina FREIRE, (1997, p., 38), “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”. O que valeria dizer, só poderemos formar profissionais que venham a trabalhar construindo, no ensino superior, uma prática pedagógica interdisciplinar à medida da sua experiência interdisciplinar. Isso vem caracterizar, no nosso entendimento, um desafio pedagógico, tanto pela sua compreensão e incorporação no processo de reestruturação curricular proposto pela Lei 9394/96, como na construção de um espaço à prática pedagógica da coordenação dos cursos de graduação.

A presente experiência em investigação-ação foi motivada pela prática pedagógica diferenciada na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) unidade de Alegrete-RS, na qual desenvolvemos um trabalho educacional baseando-se nos pressupostos pedagógicos de Paulo Freire, onde o diálogo é o principal procedimento.

Diante da proposta da UERGS de que o trabalho monitoral deve ser direcionado a todos os professores da unidade, o que levou os monitores a participarem de todo o processo de ensino-aprendizagem, pesquisa e educação permanente. Por isso, optamos por orientar o trabalho dos monitores da unidade para o desenvolvimento de uma investigação-ação, com o objetivo de diagnosticar as dificuldades referentes ao processo de ensino-aprendizagem, apontando possíveis ações para a sua superação. Para isso, utilizamos os procedimentos metodológicos de investigação-ação (Elliott, 1978), que se caracteriza pelos seguintes aspectos: a situação problema faz parte das experiências cotidianas dos professores e estudantes; o objetivo da investigação é aprofundar a compreensão que os professores e estudantes têm do problema; o referencial teórico é um instrumento de auxílio à compreensão do problema; o relatório se caracteriza como uma história do problema; os investigadores são quem agem para solucionar o problema; a linguagem utilizada é a mesma utilizada pelas pessoas envolvidas no processo; o diálogo é o recurso utilizado

para superação do problema; e, a existência de troca de informação entre os participantes do contexto investigado é decisiva.

Assim, o presente trabalho se constitui em reflexões pedagógicas referentes a: prática docente no ensino superior; investigação-ação como pressuposto pedagógico interdisciplinar; e, ao trabalho monitorial com alternativa para implementação de uma prática pedagógica dialógica e interdisciplinar.

2 - A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

O ensino superior geralmente é centrado no professor e no seu conhecimento. As aulas geralmente são aulas expositivas, leituras de texto e seminários, dificilmente debate-se sobre os procedimentos metodológicos do ensino superior (Silva, 1996). Nos últimos anos tem-se intensificado a exigência de titulação de Mestrado e Doutorado, visando à melhoria do ensino, o que não garante uma orientação pedagógica para a prática docente. Um outro problema segundo Vasconcelos (2000, p., 06) seria a falta de um “projeto educacional claramente expresso e definido ao qual todos os seus docentes pudessem se filiar”. O processo de construção do projeto de curso seria um espaço de reflexão e/ou o início de uma orientação pedagógica no ensino superior. No entanto, o que ainda estaria orientando a prática docente seriam as suas experiências enquanto acadêmicos e/ou inspirados nos professores que tiveram durante sua formação.

Segundo Benedito apud Pimenta & Anastasiou (2002, p., 36), “o professor universitário aprende a sê-lo mediante um processo de socialização em parte intuitiva, autodidata ou (...) seguindo a rotina dos ‘outros’”. Muitas vezes a ausência de uma formação continuada, principalmente no que se refere a ações pedagógicas, levam o professor universitário a rememorar-se de suas experiências no ensino superior, isso de certa forma torna-se uma orientação a sua prática. Assim as experiências que foram vivenciadas enquanto estudante, que são assimiladas nas conversas aleatória com colegas e/ou que são observadas nos exemplos ou em obras de educadores reconhecidos em sua

área de atuação, que marcariam ou conduziriam as ações educativas do professor.

Poderíamos dizer, que muitas práticas educativas no ensino superior seguem uma pedagogia tradicional, centrando o ensino no professor. As aulas limitar-se-iam na exposição do conteúdo pelo professor e ao estudante competiria fazer anotações, estudar para as provas e/ou elaborar os trabalhos de “pesquisa bibliográfica” proposto pelo mesmo.

A prática docente e a produção do saber em cursos superiores apresentam-se, muitas vezes, distanciadas do contexto social e vinculadas às concepções do professor. A própria definição e compreensão do processo educacional é frágil e fragmentada, faltando uma interação entre as diversas disciplinas que compõem a matriz curricular dos cursos. Parafraseando Makarenko apud Gadotti (1995), poderíamos apontar para a dificuldade de formar um coletivo de profissionais sem que se tenha um coletivo de educadores. Coletivo que deveria pressupor uma certa unidade nas suas ações pedagógicas e na compreensão curricular, principalmente no que se refere ao papel social e ao campo profissional da educação.

As mudanças na educação, incluindo educação superior, tornam-se tarefas muito complexas, mediante a multiplicidade de interesses. O começo da alteração desse quadro, segundo Giroux (1986), passaria pela mudança do professor, o que exigiria ações da coordenação pedagógica do ensino superior. Ações que poderia variar entre reuniões, cursos de formação continuada e pesquisas referentes a temáticas pedagógicas. Todavia, para Schön (1992), a formação docente não estaria na instrumentalização do professor através de conhecimentos técnicos, isoladamente, mas na viabilidade de momentos ou práticas reflexivas. O nosso entendimento é o de que, a prática reflexiva passaria por um processo de investigação-ação, não uma investigação que envolva apenas um professor e seus estudantes, mas que envolva o coletivo dos estudantes e dos professores.

A construção de um coletivo pressupõe princípios da interdisciplinaridade que, segundo Fazenda (1991), seriam: a disponibilidade para o diálogo; a paciência; a reciprocidade; a humildade; a perplexidade; o desafio; envolvimento

e comprometimento; o compromisso de superar-se; e, responsabilidade. O que muitas vezes, em sua formação, o professor não assimilou e/ou não incorporou, para isso necessitar-se-ia continuar a sua formação, buscando sempre momentos de reflexão, de crítica e auto-crítica. Para isso, entendemos que a investigação-ação possibilitaria ou de certa forma, provocaria um espaço interdisciplinar.

3- A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO COMO PRESSUPOSTO DA INTERDISCIPLINARIDADE

Ao aproximar os princípios da investigação-ação com a interdisciplinaridade, pretende-se apontar alternativas viáveis para a coordenação de uma prática docente integrada. Mediante a vivência em docência e coordenação pedagógica no ensino fundamental em Santa Maria-RS e em docência no ensino superior em Alegrete-RS e Videira-SC, percebe-se a complexidade das mudanças no processo educativo.

A dificuldade de introduzir a investigação-ação no ensino, não seria fruto do desconhecimento de técnicas; nem da incompreensão das ações interdisciplinares; e, nem da ignorância da necessidade de diagnosticar a realidade educacional, a qual envolve diversos atores, como funcionários, professores e estudantes. Pois, essas temáticas estariam presentes na maioria dos encontros e reuniões pedagógicas. Um provável motivo seria os conflitos inerentes ao trabalho coletivo, principalmente quando entram em questionamento as concepções e procedimentos metodológicos presentes no cotidiano da prática educativa. Outro provável motivo seria a dificuldade da mediação dos conflitos, tanto no ensino fundamental e médio como no ensino superior.

Para Gadotti (2001), o conflito faz parte do diálogo. Ou seja, seria nos conflitos dialógicos presentes no processo de investigação-ação que possibilitaria o trabalho interdisciplinaridade. Pois uma atitude interdisciplinar pressupõe o diálogo, para Freire (1988, p., 83), “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo”. Não poderia se dizer o mesmo

da interdisciplinaridade, somente o momento interdisciplinar possibilita sua geração?

Sendo assim, aponta-se a investigação-ação como uma alternativa para diagnosticar as contradições presentes entre discursos e ações docentes; e, como técnica mediadora dos conflitos que possivelmente surgirão numa ação interdisciplinar no âmbito do ensino. Segundo Fazenda (1991, p., 31), “com a interdisciplinaridade, ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou, melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de integração que irá possibilitar o diálogo entre os interessados”. Concordando com Fazenda, sobre a necessidade da intersubjetividade no processo ensino-aprendizagem, não vimos muitas possibilidades para que uma ação interdisciplinar possa ocorrer por adesão voluntária dos docentes. Também para Fazenda (1991, p., 33), existiria uma necessidade de eliminar “as barreiras entre as disciplinas e entre as pessoas que pretendem desenvolvê-las”. Sendo assim, entendemos que a corporificação da ação interdisciplinar, também necessitaria de uma provocação inicial e de uma ação-reflexão-ação constante, o que a investigação-ação poderia proporcionar.

Segundo Grabuska & Wendling (2003), um dos objetivos da investigação-ação seria “o compartilhamento de decisões, de responsabilidade e de poder” que, durante a execução desse projeto de investigação-ação, os educadores demonstraram sentirem-se desafiados a envolverem-se no processo dialógico.

O envolvimento no diálogo, de certa forma cria um ambiente propício para a interdisciplinaridade. No entanto, os projetos de investigação-ação, no ensino superior, não deveriam ser implementados de forma isolada e aleatória, ou seja, à parte do projeto político pedagógico de cada curso.

Nesse sentido Grabauska & Bastos (2003), partindo dos pressupostos da investigação-ação, incorporaram os procedimentos da pedagogia da libertação e inscreveram “uma nova dimensão, nitidamente interessada em emancipação dos seres humanos e francamente favoráveis à transformação da realidade”. A aproximação da investigação-ação à proposta de Freire (1988), apontaria os seguintes procedimentos para a investigação: a observação e o diálogo; a codificação (seria a representação em texto ou em

desenho) e decodificação (uma análise crítica da representação) da situação observada ou a sua problematização; planejamento e ação; e, posteriormente um novo processo investigativo.

Assim, foi possível incorporar a presente pesquisa no processo educativo da UERGS, que tem uma orientação pedagógica freiriana. O nos foi possível constatar que os trabalhos desenvolvidos de monitoria, muitas vezes, foram decisivos na problematização e configuração do agir pedagógico dos docentes, como podemos observar nos relatos abaixo.

4- A PRÁXIS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO NA ORIENTAÇÃO MONITORIAL

Para compreendermos o trabalho monitorial, inicialmente vamos buscar compreender o significado da palavra monitor. Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, monitor origina-se do latim *monitore*, que significa “aquele que dá conselhos, que admoesta” e que avisa. Referente ao ensino é o estudante que auxilia o professor em suas atividades docentes.

No decorrer da história da educação brasileira o monitor esteve sempre presente, escolhido entre os estudantes mais experientes e que se destacavam da turma, auxiliavam o mestre inclusive substituindo-os. Com a utilização de monitoria era possível em alguns métodos de ensino, um mestre atender um grande número de estudantes.

O exemplo mais significativo tem-se no sistema Educacional Jesuítico, onde para cada 10 estudantes existia um decurião (monitor), que tinha a tarefa de fazer as preleções e tomar de cor os textos clássicos. Outro momento histórico, em que o monitor representou um papel significativo foi no método lancasteriano, aplicado no Brasil no século XIX, no objetivo de massificar educação básica.

Hoje, a monitoria é muito utilizada no ensino superior, como forma de proporcionar um atendimento mais individualizado aos acadêmicos, buscando esclarecer dúvidas decorrentes do processo ensino/aprendizagem. O monitor não substitui o professor, mas o auxilia no trabalho docente, de pesquisa e no planejamento das aulas.

Na UERGS-Alegrete, a monitoria tem características diferenciadas, pois não se limita a monitoria de um único professor. O monitor da UERGS auxilia todo o corpo docente e participa das atividades de pesquisa da instituição.

Por isso, sua coordenação optou pela investigação-ação como metodologia de orientação e ação. Com isso, além de auxiliar o corpo docente o monitor observa as aulas nas peculiaridades das relações pedagógicas, problematizando-as e procurando agir para superar as dificuldades que se apresentam.

As atribuições da monitoria da UERGS – Alegrete/RS na realização de suas atividades foram:

1. Participar a elaboração do plano de trabalho da monitoria com os professores responsáveis;
2. Interagir com os professores e estudantes visando ao desenvolvimento da aprendizagem;
3. Auxiliar o professor na realização de trabalhos práticos e experimentais, na preparação de material didático e nas atividades de classe e/ou laboratório;
4. Preparar relatórios, resenhas e fichas de leituras que subsidiem as aulas dos professores-orientadores;
5. Coletar e organizar dados acerca da região, tendo em vista o componente curricular ou de pesquisa em desenvolvimento na unidade;
6. Reunir-se com estudantes visando ao acompanhamento de atividades solicitadas pelos professores;
7. Realizar pesquisas bibliográficas, em bibliotecas ou na internet, sobre temas estabelecidos pelos professores orientadores;
8. Avaliar o desenvolvimento do Plano de Ensino dos componentes curriculares de cada professor, sugerindo alterações de acordo com a necessidade dos educandos.

Assim, objetivando orientar essa ação monitorial, desenvolvemos a investigação-ação com o intuito de diagnosticar os problemas referentes ao processo de Ensino-Aprendizagem, apontando possíveis ações para

superá-los.

4.1 Primeira etapa investigação-ação: observações e descrições

Nessa primeira etapa, observamos aulas em cada componente curricular, descrevendo-as e analisando-as, procurando detectar as possíveis dificuldades encontradas pelos estudantes e professores no processo de construção do conhecimento.

Vejamos o seguinte exemplo de descrição de aula:

Ao cumprimentar os estudantes, a professora relatou os temas sobre os quais seriam trabalhados na aula.

- 1. O Brasil no século XX (leitura do texto);*
- 2. A República (lâmina);*
- 3. Os presidentes na República Velha (lâmina);*

A professora convidou os estudantes a fazerem a leitura do texto “O Brasil no século XX” que deixara no xerox, causando com isso um tremendo alvoroço, pois os estudantes alegavam não saber de sua aula, por isso a maioria não tinha o texto. Feito os devidos esclarecimentos pela monitora do turno (.....), os estudantes reivindicaram que os avisos sejam dados no início das aulas e não ao final delas, como acontecera. Embora todos os esclarecimentos, ainda restaram discussões por parte de alguns estudantes impedindo assim a continuidade da aula, a professora então pediu por três vezes a calma e os convidou novamente a leitura do texto.

A cada parágrafo lido pelos estudantes, a professora intervinha com explicações e também respondia questões levantadas por eles. Também usava esquemas, como a linha do tempo que desenhou no quadro para situar os acontecimentos estudados, instigando, a todo o momento, a participação dos estudantes. Alguns, totalmente envolvidos, discutiam o “Brasil no século XX”, enquanto outros, viviam a tecnologia do século XX, navegando na INTERNET. (As salas de aula da UERGS são compostas de seis bancadas com oito lugares cada, nas quais existem quatro computadores conectados a Internet, a disposição dos estudantes). Em meio às explicações da professora, uma

agente administrativa, bate à porta e solicita a presença da professora do lado de fora da sala, depois de alguns minutos a professora retornou a sala acompanhada do pai de um menino que sofre de câncer que à dezesseis anos luta por sua sobrevivência. Seu pai faz campanha pedindo colaboração de um real para pagar a cirurgia que o menino precisa fazer para curar-se totalmente, a turma sensibilizada colabora, a professora coloca no quadro o número da conta (B.B-AG.0330/1-CC.13.709-x) para aqueles que queiram efetuar depósito em outro momento.

Terminada a visita, a professora continua suas explicações sobre o texto, em meio a conversas, “cliques no mouse”, toque de celular e o ranger da porta que abre e fecha de cinco em cinco minutos.

Quando a professora questiona sobre o significado da palavra grileiro, todos ficam curiosos cada um diz o que pensa ser, mas ninguém acerta. Segundo a professora, os grileiros falsificavam documentos de posse de terra e os colocavam dentro de caixas com grilos, estes liberam uma resina que envelhece o papel.

A aluna (.....) leu o trecho do texto que tratava do fim do tráfico negro, a professora esclareceu o trecho e propôs o intervalo.

Após o intervalo, poucos estudantes retornaram a aula e os poucos em sala, permanecem ligados na Internet. A professora convida os estudantes a desligarem os microcomputadores e se ligarem na aula, são poucos os que atendem a solicitação. Com a ajuda da monitora do turno da tarde a professora usou o retroprojetor para apresentar aos estudantes duas lâminas: a primeira: “A República e o avanço do capitalismo no Brasil”. Após percorrer todos os tópicos em meio a questionamentos dos estudantes, cochichos e cliques, a professora coloca a segunda lâmina, que traz como título “Os governos do Brasil durante a fase republicana”.

Os estudantes alertaram a professora sobre o conteúdo das lâminas: a letra estava pequena dificultando a leitura das mesmas, a monitora tentou regular o foco do retroprojetor, mas não resolveu muito. Então com o aval da professora, os estudantes resolveram tirar xerox das lâminas no final da aula. Novamente, com a ajuda da monitora e da aluna (.....), a professora conseguiu

ligar o aparelho de som que trouxe de casa, para que os estudantes pudessem ouvir de Elis Regina “Mestre sala dos Ares”, música esta, que conta a história da Guerra da Chibata. Enquanto se ouvia a música a professora escrevia no quadro o esquema do próximo assunto à ser abordado. Outra música de Elis tocava, “Maria Maria”, alguns estudantes cantavam empolgados, a professora dirigiu-se par o rádio com o propósito de desligá-lo, mas a pedidos deixou tocar mais uma música.

Após as músicas, a professora começou a explicar no quadro os “Aspectos Culturais e Sociais do Rio Grande do Sul”, temas estes que serão trabalhados pelos estudantes através de um seminário que terá por objetivo: proporcionar ao estudante o trabalho de investigação analítica e crítica do processo histórico relacionando ao componente curricular. A seguir os estudantes assistiram um vídeo que tratava sobre a formação social do Brasil, com os historiadores Caio Prado Junior e Florestan Fernandes (Sociólogo). Alguns estudantes foram embora, outros assistiram ao filme enquanto outros clicavam desesperadamente.

Após o filme, a professora propôs esclarecimentos, não havendo nenhuma dúvida por parte dos estudantes encerrou a aula.

Como se observa no exemplo à cima, as aulas foram descritas minuciosamente. Após a observação e descrição, no coletivo de monitores e professores orientadores, as aulas foram problematizadas, isto é, levantou-se as dificuldades didático-pedagógicas e sugeriu-se ações superadoras. Num segundo momento, debatemos com os estudantes e professores as observações destacadas e sugeriu-se novos procedimentos.

4.2 Segunda etapa da investigação-ação: discutindo o diagnóstico com estudantes e professores

Após analisarmos o trabalho pedagógico em todos os componentes curriculares, conversamos com cada professor, sobre as nossas observações e as dos demais estudantes.

Vejam os a seguir, parte do relatório dos diálogos que tivemos com os professores:

Professor 01:

Conversamos, primeiro, com o professor do componente curricular Informática II. Começamos explicando ao professor, sobre o projeto de Investigação-Ação que estávamos realizando e seus objetivos, após relatamos cada um dos problemas observados por nós e com pelos demais estudantes.

- 1.construir roteiro (ementa) dos conteúdos a serem trabalhados em aula;
- 2.construção de um textos ou recomendação de bibliografia ;
- 3.aulas intensivas pela manhã, para os estudantes com dificuldades;
- 4.melhor aproveitamento das aulas de informática, aos sábados;
- 5.possibilidade da presença do professor nos outros componentes curricular

O professor ouviu atentamente e conversamos sobre cada item observado e as sugestões dos estudantes para um melhor aproveitamento do componente curricular. Durante a nossa conversa o professor fez as seguintes colocações:

1. não houve tempo de planejamento antes de começar esse trabalho;
2. nunca dei aula para 40 estudantes, tive dificuldades a primeira vez que sou docente universitário;
3. por ser uma turma grande, argumenta que se torna impossível atender a todos individualmente;
4. com a quantidade de feriados aos sábados, acabou prejudicado o desenvolvimento do trabalho, “tivemos pouquíssimas aulas, até agora”;
5. vou construir a ementa e pretendo apresentá-la aos estudantes na próxima aula;
6. “também me proponho a elaborar um curso rápido, um passo a passo, para aqueles estudantes que tem mais dificuldade, que poderá acontecer todas as Terças e Quintas pela manhã, esta proposta também se realizará nas aulas de sábado”.

Assim encerramos nossa conversa, confiantes de que as medidas a serem tomadas vão se somar na qualidade do trabalho que o professor vem realizando, neste componente curricular.

Professor 02:

Logo conversamos com o professor do componente curricular História da Educação e da Pedagogia, que também é orientador dessa pesquisa.

Passamos para o professor as observações que fizemos durante suas aulas e o que foi discutido com os estudantes.

1. procurar meios de tornar suas aulas mais atrativas;
2. como trabalhar para que todos os estudantes participem?
3. o tempo cronometrado pelo professor está impedindo a qualidade na apresentação dos trabalhos;
4. alguns estudantes colocaram que o professor está sempre trazendo outras opções, tem uma metodologia diversificada e deixam para os colegas o seguinte questionamento: será que nós, estudantes, temos colaborado com o professor?

O professor se propõe a mudanças, a ouvir os estudantes sempre que preciso, por isso já vem adotando procedimentos como a auto-avaliação individual e coletiva.

Segundo o professor, um dos fatores que prejudicam o bom andamento das aulas é a questão do uso dos computadores fora do horário estipulado, atrapalhando os próprios estudantes que não se concentram nos debates em aula.

Outro fator é a conversa dos estudantes durante a aula, que muitas vezes, se torna mais alta que a voz do professor

Professor 03:

O professor do componente curricular, Língua Portuguesa e Literatura I que também é um dos participantes desse projeto, demonstrou interesse pelo relatório de suas aulas e ouviu atentamente as seguintes colocações:

1. poucas aulas durante o segundo semestre;
2. preocupação dos estudantes em relação aos conteúdos não trabalhados por ocasião do tempo limitado em decorrência da quantidade de feriados neste ano?

O professor concordou com a falta das aulas que não houve, mas procurou tranquilizar, salientando que os conteúdos, em sua maioria já foram trabalhados.

O professor demonstrou preocupações com a turma tarde (a UERGS-Alegrete/RS se constitui num curso de Pedagogia com turma diurna e noturna) que nas últimas aulas andava agitada, com muita conversa, a ponto de atrapalhar a aula, pediu as monitoras, que conversassem com seus colegas a fim de saber o que está acontecendo com a turma.

Professor 04:

Com a professora do componente curricular Teorias do Conhecimento foram feitas, pelos monitores e estudantes, as seguintes observações:

1. Que os trabalhos: “Moradia Transitória” e “Seminário Paulo Freire” não foram concluídos;
2. Os trabalhos do 1º semestre não foram devolvidos;
3. solicitaram o esclarecimento dos critérios de avaliação;
4. Sugeriram que as recomendações (o processo de avaliação da UERGS, recomenda um parecer por escrito do desenvolvimento do aluno) fossem apresentadas antes do final do semestre.

A professora esclarece que o trabalho por ela proposto, a ser realizado com as crianças da Moradia Transitória (Instituição de assistência social do município de Alegrete-RS) foi concluído, o que ficou combinado foi um retorno ao local para visitá-los e levar as fotografias como prometemos as crianças.

A professora coloca que o tempo é pouco e é provável que no período de sua aula, como fizemos no semestre passado, não será possível.

Em relação à entrega dos trabalhos do semestre passado à professora vai devolvê-los o mais breve possível.

Os critérios de avaliação segundo a professora foram sempre bem claros, mas irá colocar para a turma novamente.

Sobre as recomendações a professora diz que os estudantes que precisam ser recomendados estão sendo por ela chamados e orientados individualmente.

A professora comenta que está muito feliz com o desempenho da turma, diz que não tem problemas com os computadores em sua aula e os estudantes são super participativos e envolvidos em suas aulas.

Professor 05:

A professora do componente curricular História da Formação Social do Brasil e do Rio Grande do Sul, ouviu as explicações sobre o projeto de Investigação-Ação e concordou com a proposta, colocamos para ela as observações e discutimos suas ações referentes aos seguintes pontos:

1. Sua metodologia, foi considerada pela turma, muito tradicional;
2. Certa inflexibilidade em relação à data de entrega dos trabalhos;
3. Os estudantes reivindicam a apresentação da ementa do componente curricular;
4. Quando a professora promove debates, os estudantes sentem-se impedidos muitas vezes de concluir a sua fala.

A professora salienta a importância da realização deste projeto e embora não conhecendo muito bem a turma está muito feliz de estar entre nós. Em relação às observações, a professora diz que cada professor tem seu jeito de dar aula e que logo vamos nos conhecer melhor. Referente a data da entrega dos trabalhos pode ser flexível sim, visto que temos estudantes de diversas realidades, principalmente no turno da noite onde a maioria dos estudantes trabalham.

A ementa dos trabalhos já foi construída com a colaboração de colegas do componente curricular de outras unidades e será apresentada na próxima aula.

Com relação aos debates a professora diz que às vezes é preciso interromper alguém, até para garantir a participação de todos.

O que a professora não concordou é de que os estudantes fiquem nas “salas de bate papo” da Internet, o que ocorre freqüentemente. Diante disso solicitou as monitoras que conversem com esses estudantes.

Professor 06:

O professor do componente curricular Investigação da Realidade Local e Regional, ficou surpreso quando soube da realização do projeto e principalmente que já tinha sido observado em sala de aula, portanto explicamos ao professor como estão sendo realizadas as observações e todos os passos do projeto. Colocamos para ele o seguinte diagnóstico:

1. Possibilitar maior participação dos estudantes em aula, através de debates;
2. Segundo alguns estudantes o professor às vezes fala demais.

O professor concordou que falar muito, mas já vinha tentando minimizar isso, usar métodos que tornem suas aulas mais dinâmicas, só que às vezes é preciso fazer exposições orais.

Professor 07:

Por fim, conversamos com o professor do componente curricular Concepções e métodos da Educação Popular, que nos cedeu uns minutos para que pudéssemos expor o seguinte diagnóstico:

1. Roteiro de aula muito extenso, tornando suas aulas por vezes cansativas;
2. O professor nem sempre possibilita o debate e a participação dos estudantes;
3. Os avisos e resoluções referentes a coordenação atrapalham as aulas.

O professor concorda com as observações feitas, pois tem tido dificuldade na conclusão das aulas, o tempo se torna pouco em relação à amplitude dos conteúdos que temos abordado e a qualidade dos debates em aula.

Os assuntos de coordenação avisos/resoluções são necessários, embora já tenha até comentado que não conseguiu dar algumas aulas em função da saída de uma professora da unidade.

Após os encontros com os professores e estudantes, continuamos nossas observações e problematizações referente ao processo ensino aprendizagem.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos nesse trabalho nossas reflexões referente ao processo de ensino-aprendizagem no ensino superior, mais especificamente no que se refere às relações em sala de aula, buscando num relato de investigação e de dialógico apontá-los como procedimentos alternativos de ensino. Parte de nosso trabalho constitui-se no relato de nossa experiência, pois pensamos, assim como Paulo Freire, que o nosso viver corporifica nossas concepções. Não podemos ser dialógicos sem estarmos abertos ao diálogo. Não podemos ser educadores críticos e transformadores sem criticar, sem estar aberto a críticas e sem transformar nossas relações educativas no cotidiano de nossas aulas.

Ao concluirmos nossas reflexões ao processo de formação profissional e em particular a prática docente no ensino superior, apontamos a investigação-ação como pressuposto de uma orientação pedagógica. Pensamos que com essas ações, poder-se-ia criar no cotidiano da prática docente, um espaço de reflexão e de problematização daquilo, que tradicionalmente não se debate, que são os procedimentos metodológicos no ensino superior. Pela vivência, enquanto discente e docente, observamos freqüentemente que professores portadores de um discurso pedagógico progressista, reduzem suas aulas numa prática que Freire (1988) chamou de educação bancária.

Foi concordando com Freire (1997), que as nossas ações educam mais que os nossos discursos que orientamos as práticas dos monitores na UERGS-

Alegrete-RS numa perspectiva investigativa, problematizadora e crítica, visando a superação das contradições e limitações da prática docente no ensino superior.

Essa experiência nos possibilita dizer que não precisaria, esperar ou aguardar o convencimento e a conversão do corpo docente e/ou discente para iniciarmos ações interdisciplinares ensino superior. Pois, a metodologia de investigação-ação, de certa forma desestabeleceria as práticas isolada, possibilitando a criação de um ambiente de reflexão pedagógica nos cursos de formação profissional, próprio de uma atitude interdisciplinar.

6 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ELLIOTT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In. GERALDI, C. M. G., FRIORENTINI, Dário & PEREIRA, E. M. A. **Cartografia do trabalho docente**: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. p., 137-154.

ELLIOTT, John. **What is action-research in school?** Journal of Curriculum studies. Vol. 10, nº 4: 335-7, 1978.

FAZENDA, Ivani Catarina A. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GADOTTI, Moacir. Educação e ordem classista (Prefácio). FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GRABAUSKA, Claiton José & BASTOS, Fábio da Purificação de. **Investigação-ação educacional:** possibilidades críticas e emancipatórias na prática educativa. <http://www.uca.es/HEURESIS/heuresis98/v1n2-2.html>, 26 de abril 2003, 15 horas.

GRABAUSKA, Claiton José & WENDLING, Cléria Maria **Investigação-ação educacional e currículo.** http://www.ufsm.br/linguagem_e_cidadania /01_02/ClaitonL.html. 26 de abril de 2003. 14 horas

PIMENTA, Selma Garrido & ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. Docência no ensino superior. Volume I. São Paulo: 2002.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). Os professores e a sua formação. 2ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidades terminais.** Petrópolis:Vozes, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Brasiliense, 1982

VASCONCELOS, Maria Lucia M. C.. A formação do professor do ensino superior. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2000.